



## Perfil Textual do Jornal Impresso Folha do Povo<sup>1</sup>

Thiago Frison<sup>2</sup>

Yashmin Martins Barbosa de OLIVEIRA<sup>3</sup>

Cristina Ramos da Silva RIBEIRO<sup>4</sup>

Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, MS

### RESUMO

Este trabalho foi produzido a partir da análise de cinco edições do jornal Folha do Povo, de Campo Grande, em Mato Grosso do Sul. Ele buscou encontrar sobre e quantificar os formatos de gêneros e gêneros textuais no jornal impresso. Partindo da hipótese de que o jornal impresso na capital sul-mato-grossense é estritamente informativo, com base nas características do jornalismo regional e na taxonomia de gêneros e formatos de José Marques de Melo, o método de análise de conteúdo permitiu inferir sobre o perfil textual do Folha do Povo. Como resultado, percebeu-se que predominam no impresso os gêneros informativo (em especial, a notícia), utilitário e opinativo.

**PALAVRAS-CHAVE:** análise de conteúdo; gêneros jornalísticos; jornalismo impresso; formatos

### Introdução

O jornal impresso sempre se revelou como um meio democrático no acesso a informações. Desde sua origem até os dias atuais, o surgimento e o desenvolvimento desse meio sempre estiveram ligados à necessidade de informar. Hoje, além dessa característica, ele gratifica seus leitores, além da informação, com diversos outros gêneros e formatos.

Neste sentido, a partir da disciplina “Jornal Impresso”, do curso de Jornalismo da Universidade Católica Dom Bosco de Campo Grande/MS, foi proposta aos estudantes a identificação todos esses gêneros e formatos, porém observados numa ótica local, a partir dos jornais impressos da capital sul-mato-grossense. Dentre vários impressos diários e semanários de Campo Grande, este artigo vai *inferenciar* sobre a prática de formatos e gêneros jornalísticos a partir do jornal Folha do Povo.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 4 a 6 de junho de 2015.

<sup>2</sup> Estudante de Jornalismo da UCDB, email: [thiagofrison@outlook.com](mailto:thiagofrison@outlook.com)

<sup>3</sup> Estudante de Jornalismo da UCDB, email: [yashminmccartney@hotmail.com](mailto:yashminmccartney@hotmail.com)

<sup>4</sup> Orientador do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo UCDB, email: [crstinaramos@globo.com](mailto:crstinaramos@globo.com)



Em Campo Grande, nenhum estudo sobre gêneros e formatos no jornal impresso comercial foi realizado. Os jornais-laboratório, dos cursos de Jornalismo de Campo Grande, foram analisados por Ribeiro (2012). Partindo dessa ausência de análise da prática impressa na capital, os resultados apontados por este artigo vão revelar um ambiente totalmente desconhecido nos meios acadêmicos e também para o próprio mercado, onde os resultados poderão mostrar uma série de possibilidades aos profissionais.

O artigo, em seu desenvolvimento, vai identificar e quantificar os formatos de gêneros jornalísticos e gêneros textuais jornalísticos do jornal Folha do Povo, de forma que a análise possa contribuir para uma construção do perfil textual do jornalismo impresso em Campo Grande a partir dos gêneros jornalísticos.

É indicado pelo senso comum indica que o resultado dessa análise pode mostrar um jornalismo essencialmente informativo, que despreza as outras possibilidades de praticar jornalismo quase que na totalidade.

### **Breve histórico do jornal impresso**

A primeira aparição de um jornal impresso foi na Europa, a partir de relatórios que circulavam entre imperadores e províncias, que carregavam mensagens. Com o papel e a invenção de Johannes Gutemberg (que criou a prensa gráfica usando tipos móveis de metal) uma série de possibilidades para impressão se abriu.

Inúmeras transformações culturais, sociais e econômicas foram provocadas na sociedade com a difusão de informação. Numa época dominada pela igreja, um indivíduo informado tinha muito significado à época. O jornal impresso, de uma forma ou de outra, sempre espelhou o que ocupa o pensamento de um grupo social em sua época (CONTIJO apud CONCEIÇÃO; NETO; SANTOS, 2009).

É um meio ágil pela velocidade de sua informação, pois logo pela manhã ele “já deu o recado”. Ele é eficaz, principalmente para o varejo, pois traz respostas rápidas, além de proporcionar a mediação do resultado comercial muito próxima do real. (...) as informações são sempre atuais, mas esta característica torna sua vida útil curta, afinal ninguém lê o jornal de ontem.” (NETO, 1998, p. 98).

Desde seu início, os jornais carregavam ideologias, que formava a identidade. “Discutir, informar, fornecer códigos culturais, valores de uma sociedade, os periódicos eram lidos



em cada país como um discurso de lideranças, daqueles que eram os intelectuais da época” (CONCEIÇÃO; NETO; SANTOS, 2009, p. 3).

Um jornal carregado com ideologias começou a desaparecer em 1833, quando as características informativas, que sempre estiveram presentes nestes produtos, começaram a ser valorizadas nos Estados Unidos. Em 1833, com a criação do *New York Sun*, nasceu o impresso informativo, direcionado à massa. Começa assim a prática do jornalismo direcionado a camadas menos instruídas (CONCEIÇÃO; NETO; SANTOS, 2009).

Os primeiros jornais impressos do Brasil tem sua vinda relacionada com a chegada vinda da família real Portuguesa ao Brasil. Até então, não era permitida a existência de jornais no país.

A Gazeta do Rio de Janeiro, jornal da coroa, e o Correio Braziliense, produzido em Londres e traficado nos navios comerciais, foram os primeiros periódicos do país. Eles, no entanto, não possuíam uma identidade clara. Opinavam sobre a coroa e tinham um estilo literário. Em 1870 o jornal como empresa aparece no Brasil com o Província de São Paulo. No século XX, jornais como a Folha de São Paulo e O Globo reforçam a ideia de jornalismo como indústria.

### **Jornalismo regional**

Foco do trabalho, o jornalismo regional tem grande valor para pequenas cidades e públicos. Apesar de ser um jornal da capital, se comparado aos com grande circulação do país, seu ambiente se assemelha aos do jornalismo regional. O que é notícia para os grandes centros pode não ser para as pacatas cidades com quarenta mil habitantes. Neste sentido, jornais regionais se mostram importantes para a construção da sociedade (MORONY; GODOY, 2006).

Os problemas locais como falta de saneamento, uma licitação não transparente, a indústria que fecha, as eleições municipais, tudo pode ser de relevância para a cidade do interior e de nenhum significado para a grande cidade. Assim as pequenas cidades não irão se reconhecer nas páginas dos grandes jornais (MORONY; GODOY, 2006, p.25).

Registro e acompanhamento da história também são uma das funções essenciais do jornalismo regional. Ele permite que o cidadão participe da vida pública local, sendo um instrumento extremamente viável para expressão de seus anseios e aspirações. Ao



abordar temas de um contexto próximo do leitor, o interesse dele é muito mais despertado, já que ele tem uma relação mais próxima com os agentes da notícia sociedade (MORONY; GODOY, 2006).

Fazer com que os moradores conheçam aspectos diversos da realidade que os cerca e que acreditem e busquem soluções para o local onde vivem. Tornar a informação local mais forte do que a versão que vem de fora. Projetar a sociedade à discussão da cidadania, na qual somos responsáveis por nossa história e onde devemos encontrar a alternativa viável de projeto político local (MORONY; GODOY, 2006, p.31).

Jornais regionais estão bem próximos de uma construção da realidade social se comparado aos grandes jornais, que costumam tratar temas regionalizados com extrema frieza. A partir daquilo que trazem os impressos regionais, homens e mulheres passam a constituir os fenômenos sociais coletivamente (MORONY; GODOY, 2006).

Apesar de parecer, jornais regionais e de maior circulação não se anulam, mas se completam. “Ao passo que a grande imprensa busca temas de caráter nacional, estadual e internacional, as comunidades de cidades menores percebem a necessidade de terem voz ativa e espaço social nos jornais regionais” coletivamente (MORONY; GODOY, 2006, p. 39).

O impresso que foi analisado, o Jornal Folha do Povo, teve início em 23/02/1999. Foi criado e um cenário em que o meio impresso diário em Mato Grosso do Sul era monopolizado por quase meio século. Por essa razão, o Jornal Folha do Povo desenvolveu um papel chave em abriu caminho para que outros meios de comunicação impresso surgissem em Campo Grande. Foi também o primeiro jornal de Campo Grande a agregar estagiário de jornalismo em seu quadro de colaboradores, formando parceria com as universidades e incentivando a prática universitária do jornalismo.

O Jornal Folha do Povo tem circulação impressa de segunda-feira a sexta-feira e mantém seu foco na prática de um jornalismo independente e essencialmente regional. Buscando estreitar o relacionamento com seus leitores, o Jornal Folha do Povo passou a contar com o jornalismo digital em 2009 com o site Folha do Povo News, onde disponibiliza a versão digital do jornal impresso. Hoje o impresso conta com jornalismo impresso, digital e online.

## **Gêneros e formatos**



Sobre gêneros jornalísticos, Marques de Melo (2003) afirma que são uma série de características que determinam o tipo de informação que se transmite ao receptor. Ele ainda afirma que um gênero é “a articulação que existe do ponto de vista processual entre os acontecimentos (real), sua expressão jornalística (relato) e a apreensão pela coletividade (leitura)” (MARQUES DE MELO, 2003, p.64).

Ainda em Marques de Melo (2003), classifiquemos os gêneros e formatos a seguir a fim de subsidiar nossa análise de conteúdo:

No gênero *informativo*, a essência do jornalismo é destaque. Tem a função de descrever os fatos. Incluídos no gênero informativo encontramos a Nota, trata-se do relato de um evento que ainda está em processo de configuração, ou seja, não se tem ainda conhecimento de todos os elementos que compõe os eventos. Este formato é mais comum em rádio e TV, que são meios imediatos. O formato Notícia trata-se de um relato integral dos acontecimentos, em formato de pirâmide invertida, ou seja, o relato dos acontecimentos acontece em ordem de relevância e não cronologicamente. Em seguida temos a Reportagem, trata-se de um relato mais aprofundado e ampliado dos acontecimentos e exige a descrição do “modo”, “lugar”, “tempo” e a “versão dos agentes”. Por último, no gênero informativo encontra-se a Entrevista, formato que busca dar voz aos agentes da notícia, colocando o jornalista no papel do receptor.

No *opinativo*, temos uma prática antiga do jornalismo, muito predominante no seu primórdio. Um ambiente em que a opinião do jornalista é valorizada e transmitida aos seus leitores. No gênero opinativo é proposto o formato Editorial, que apresenta a opinião oficial da empresa de comunicação diante dos fatos do momento e é mais frequente em jornais e na internet. Em seguida o formato Comentário realizado por jornalistas de grande credibilidade em que estes buscam explicar as notícias, mas não propõe expor a opinião destes de forma explícita, caracteriza-se principalmente pela continuidade, sobre o que aconteceu e o que poderá acontecer em seguida diante um fato exposto. O formato Artigo propõe “democratizar” a opinião no jornalismo, abrindo espaço para jornalistas e cidadãos desenvolverem suas ideias e apresentarem opiniões.

Dentro do gênero opinativo também encontramos a Resenha, que tem como função apresentar produtos culturais com a finalidade de orientar consumidores, e tem função eminentemente utilitária. Seguido do formato Coluna que nada mais é que um mosaico de unidades curtas de informação que trabalham principalmente com o conceito de “furo”, os bastidores da notícia e fatos que ainda estão por acontecer. O formato Crônica



é essencialmente brasileiro, é como um relato poético da realidade, uma conversa fiada sobre assuntos secundários. Em seguida temos a Caricatura, ilustração geralmente crítica e satírica sobre fatos de repercussão no meio social, e tem um sentido nitidamente opinativo. Por último neste gênero temos a Carta, o espaço democrático em que o cidadão possa expressar seus pontos de vista e tem como finalidade romper a barreira entre produtor e consumidor.

O gênero *interpretativo* busca explicar o fato sob diversos ângulos de forma a esclarecê-lo da melhor maneira possível. O primeiro formato deste é o Dossiê, que se trata da condensação dos dados em boxes, gráficos, mapas ou tabelas, para complementar as narrativas principais de uma edição. Em seguida temos o formato Perfil, que apresenta o relato dos agentes noticiosos, identificando-os. Há também o formato Enquete, este busca relatos de cidadãos aleatoriamente escolhidos, suas narrativas e pontos de vista. Por último neste gênero temos a Cronologia, que nada mais é que a reconstituição dos acontecimentos de forma cronológica, busca a cobertura completa dos fatos, mas sua dinâmica se baseia principalmente no fator “tempo”.

O gênero *diversional* foge da clássica informação. Ele é um gênero emocional, que procura até mesmo entreter o leitor. No gênero utilitário temos o formato Indicador, que se trata da apresentação de dados fundamentais para tomada de decisões no cotidiano do receptor, seguido do formato Cotação, que apresenta dados sobre a variação dos diversos mercados. Há também o formato Roteiro, com a apresentação de dados essenciais para o consumo de bens simbólicos. Por último no gênero utilitário temos o formato Serviço, destinado a oferecer informações de interesse dos usuários de serviços públicos, consumidores e usuários do serviço privado.

Por fim, o gênero *utilitário* visa ser, de forma ou de outra, ter utilidade aos leitores. São informações que podem afetar diretamente o dia do leitor. O quinto e último gênero apresenta o formato História de Interesse Humano, este recorre a artifícios literários para contar histórias de pessoas comuns, ou humanizar personagens “intocáveis” na mídia e prioriza o relato da realidade, mesmo em face de apropriação de recursos ficcionais. Por fim neste gênero temos a História Colorida, trata-se de uma leitura impressionista, um relato das imagens e cenários ao contar uma história, busca privilegiar os tons e matizes destes cenários e identifica detalhes enriquecedores nestes. Em tempo, é interessante lembrar que textos que não se adequam a estes gêneros, foram catalogadas como “outros”, mas suas semelhanças podem indiciar um gênero ainda não “descoberto”.



## **METODOLOGIA**

Para analisar quais gêneros e formatos jornalísticos estão presentes no impresso, será utilizada a análise de conteúdo. De acordo com Herscovitz (2008), se utilizadas as análises qualitativa e quantitativa, simultaneamente, a identificação de tendências pode obter melhores resultados. Por definição:

Método de pesquisa que recolhe e analisa textos, sons, símbolos e imagens impressas, gravadas ou veiculadas em forma eletrônica ou digital encontrados na mídia a partir de uma amostra aleatória ou não dos objetos estudados com o objetivo de fazer inferências sobre seus conteúdos e formatos enquadrando-os em categorias previamente testadas, mutuamente exclusivas e passíveis de replicação. (HERSCOVITZ, 2008, p. 126)

A análise de conteúdo poderá proporcionar para esta pesquisa, base para as comparações com as hipóteses. Apesar de historicamente utilizada em conteúdos escritos, Bardin, outro teórico em análise de conteúdo, afirma categoricamente: “Em última análise, qualquer comunicação, isto é, qualquer veículo de significados de um emissor para um receptor, controlado ou não por este, deveria poder ser escrito, decifrado pelas técnicas de análise de conteúdo” (2011, p. 38).

Neste caso, os produtos serão analisados de acordo com as características apontadas no levantamento bibliográfico. Serão cinco edições do jornal Folha do Povo, dos dias entre 5 e 9 de maio de 2014. O jornal foi catalogado, edição por edição, tomando como unidade de medida a Unidade de Informação (UI) proposta por Violete Morin (*apud* RIBEIRO, 2012). Na exploração do material, após a seleção, o material será separado de acordo com as temáticas propostas por Costa. Em seguida, será analisada a presença ou ausência das características estabelecidas. É a partir da presença e da frequência dessas características que as inferências sobre a gêneros jornalísticos poderão ser obtidas.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Nos momentos dedicados à produção do artigo dentro da disciplina, 248 unidades de informação foram analisadas pelos estudantes. Uma por uma foi analisada conforme planejado a partir da metodologia e pela taxonomia de José Marques de Melo.



Tabela 1

Formatos informativos	Unidades de informação (UI)	Presença
Nota	3	2,72%
Notícia	106	96,36%
Reportagem	1	0,90%
<i>Total</i>	<i>110</i>	<i>100%</i>

Dentro do gênero informativo, apenas três formatos foram encontrados: notícia, com grande expressividade, reportagem e nota, quase que nulos se comparados ao formato notícia. O jornal Folha do Povo, no gênero informativo, se revela como essencialmente noticioso. Tem a intenção, apenas, de se responder ao *que, quem quando, onde, porque, onde e o como*, sem explorar mais o assunto, mesmo que o tema dê este espaço com as possibilidades que o formato reportagem oferece ao jornalista.

Uma grande parte das notícias encontradas no jornal nem por ele próprio foi produzido, sendo apenas reprodução de textos enviados por assessorias de imprensa, devidamente creditados. A única reportagem encontrada no jornal e as notas, não foram produzidas pelo jornal, mas por assessorias de imprensa.

Tabela 2

Formatos opinativos	Unidades de informação (UI)	Presença
Artigo	15	35,71%
Caricatura	5	11,90%
Coluna	17	40,47%
Editorial	5	11,90%
<i>Total</i>	<i>42</i>	<i>100%</i>

Dentro do gênero opinativo, já existe um maior equilíbrio de formatos se comparado ao informativo. Possui um editorial por jornal, que sempre trata de um tema externo ao jornal, não necessariamente comentando a produção do jornal. Os 15 artigos presentes nas cinco edições do jornal também não foram produzidos pelo jornal. As colunas também refletem essa mesma situação. A coluna social sempre ao fim do jornal, no entanto, é produzida pelo jornal.



A caricatura, sempre com teor político, repete os temas que agendam as discussões da massa à época. O jornal, em seus textos, não discute ou cita as situações expostas pela caricatura. A mesma caricatura pode ser vista em portal de notícias de Campo Grande.

Tabela 3

Formato utilitário	Unidades de informação (UI)	Presença
Cotação	1	1,63%
Indicador	13	21,31%
Serviço	47	77,04
<i>Total</i>	<i>61</i>	<i>100%</i>

No gênero utilitário, o Folha do Povo pratica com mais expressividade o formato de serviço. Em todos os seus textos, o jornal agendou a vida das pessoas, principalmente com temas relacionados a saúde, cultura e arte. Em sua maioria, tinham aspecto de convite. No caso do formato serviço, há uma hibridização com o formato notícia do gênero informativo. Novamente, verificou-se colaboração das assessorias de imprensa em parte do material analisado.

Os indicadores no Folha do Povo são, em sua maioria, relacionados ao lazer do leitor. Programação de televisão, cinema e horóscopo. Cotação, com valores de moedas, apareceu em apenas uma edição.

Das UI's extraídas do jornal, no anexo 8 temos valores de moedas. Essas informações, em Marques de Melo, se caracterizam como Cotação.

Tabela 4

Gênero	Unidades de informação (UI)	Presença
Informativo	110	44,35%
Utilitário	61	24,59%
Opinativo	42	16,93%
Outros	35	14,11%
<i>Total</i>	<i>248</i>	<i>100%</i>

Num comparativo entre gêneros, se revela a tendência da produção textual do jornal Folha do Povo de Campo Grande: um impresso essencialmente informativo, conforme o



senso comum preveu nas hipóteses no começo do trabalho e que coloca o leitor à par daquilo que acontece ao seu redor, situando-o em seu contexto. O gênero utilitário, mais especificamente com o formato serviço, não foi previsto em hipótese, mas obedeceu a literatura. Em jornalismo regional, esse tipo de impresso tem um contato mais próximo com o leitor, e também com mais efeitos sobre ele, e o Folha do Povo segue o que a bibliografia mostrou.

Dois gêneros não são praticados pelo jornal. O diversional e o interpretativo não foram encontrados em nenhuma das 248 unidades de informação levantadas e nas cinco edições. Esses dois gêneros fogem das receitas básicas de lead que constroem os gêneros informativo e utilitário, o que possibilita inferir que a produção do jornal é mais “robotizada”, ou técnica. Outra explicação para que esses dois gêneros apareçam com expressividade é a opção por utilizar textos de assessorias de imprensa. Sem intenção deste trabalho, a análise do Folha do Povo possibilitou revelar que textos de assessorias de imprensa tendenciam ser informativos e utilitários.

Os formatos outros, no impresso, são quase que na totalidade chamadas de capa e índice. Por não possuírem espaço na taxonomia de Melo, foram catalogados como tal e aceitos como unidade de informação.

## **CONCLUSÃO**

Foi possível encontrar um jornalismo essencialmente informativo no Folha do Povo, totalmente despreocupado com os formatos diversionais e interpretativos, que opta por modelos de jornalismo: o informativo e o utilitário. A opinião também tem presença, mas em menor número.

É interessante ressaltar que há a possibilidade que a opção por esses modelos seja justamente pela tecnicidade que eles carregam. As rotinas e práticas desses modelos são bem mais tecnificadas, se comparados com os gêneros diversional e interpretativo. Dos 22 formatos, apenas dez foram encontrados no texto, o que pode reforçar essa tese.

O artigo abriu caminho para outro nicho de pesquisa: o perfil das assessorias. Como o Folha do Povo tem boa parte de seus textos produzidos por assessoria, e esses textos são do formato notícia ou de serviço, revelou que o texto produzidos por esses locais são essencialmente informativos e utilitários.

Talvez, nos próximos estudos seja ideal que a contagem do gênero “outros” não faça parte da somatória. Por serem pequenos textos que orientam o leitor sobre o que ele vai



encontrar em outras unidades de informação dentro daquele mesmo jornal, eles podem ser unidades de informação vinculadas a uma outra UI principal. Índices podem ser tratados como UI's individuais, porém, poderiam ser utilitários indicativos, justamente por orientarem o leitor.

## REFERÊNCIAS

- CONTIJO, Silvana. **Livro de Ouro da Comunicação**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- HERSCOVITZ, Heloiza G. Análise de Conteúdo em jornalismo. In: LAGO, Cláudia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Cláudia Lago, Marcia Benetti (orgs.) – 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. – (Coleção Fazer Jornalismo). p.123-142.
- MARQUES DE MELO, José; ASSIS Francisco (Orgs). **Gêneros Jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.
- MORIN, Violette. **Tratamiento periodístico de la información**. Barcelona: A.T.E., 1974.
- MORONI, Benedito de Godoy; RUAS, Reinaldo Lázaro. **Jornalismo Regional**. Presidente Epitácio: Epitaciana, 2006.
- NETO, Antonio Rosa. **Atração Global**. São Paulo: Editora ABDR, 1996.
- RIBEIRO, Cristina Ramos da Silva. **O perfil textual do jornalismo laboratorial impresso de Campo Grande**. Campo Grande: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2012.